

**ASPECTOS DA PRESENÇA FRANCESA EM *O CORTIÇO* DE ALUÍSIO AZEVEDO.** Regiane da Silva Oliveira, Daniela Mantarro Callipo. – Letras- Departamento de Letras Modernas – Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Assis.

O Brasil do princípio do século XIX presenciou várias mudanças. Com a instalação da corte portuguesa, transferiu-se para a jovem cidade do Rio de Janeiro a capital do governo de Portugal e de suas outras colônias. Nesse período pleno de grandes transformações, a cultura francesa exerceu um papel preponderante na constituição de nossa recém- nascida sociedade.

Lília Moritz Schwarcz em *As Barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca dos trópicos* (1999 p. 196) explica: “a ‘civilização’ impunha novos hábitos à mesa, sobretudo em meio à corte francesa, essa grande impulsionadora de modas, que fazia, de seus costumes, hábitos nacionais e, aos poucos, ocidentais”; por meio desse comentário, pode-se notar a importância e o prestígio da França na nossa formação social.

Na colônia brasileira, maravilhada pelos costumes importados da Europa, “conhecer a literatura, sobretudo a francesa, era marca de um indivíduo bem-educado” (NEEDELL, 1993, p.211), um símbolo de cultura, o que faria que entre esse povo ávido pelos hábitos da “boa-civilização”, tal literatura não somente se firmasse, mas também se tornasse um exemplo a ser adotado, influenciando diretamente na criação de nosso movimento romântico, por meio de escritores como Lamartine, Musset, Balzac e Victor Hugo.

O desejo de afirmação de uma nacionalidade brasileira, que surge com o advento do Romantismo, gerou uma espécie de fobia a tudo o que pudesse colocar a nossa literatura em situação de submissão em relação à literatura colonizadora; renegando essas origens, a literatura brasileira foi buscar na França, centro irradiador de cultura da época, as fontes para as suas obras.

Em meio a esse contexto, surge a estética naturalista, idealizada inicialmente pelo francês Émile Zola e desenvolvida em território nacional por figuras importantes, dentre as quais se destaca Aluísio Azevedo, seu maior representante, com o livro *O Cortiço* publicado no ano de 1890.

Neste romance, considerado sua obra-prima, encontramos um painel notável da sociedade “fluminense” de então, que já denota o surgimento de grandes problemas decorrentes do crescimento acelerado da população, tal qual o florescimento das habitações populares, os cortiços (MURILO DE CARVALHO, 1987). Trata-se de um quadro no qual se ressalta um aspecto significativo a mais, a representação da presença francesa como seu elemento constitutivo.

O que o presente trabalho propõe é analisar o papel que esta presença representou na obra *O Cortiço* de Aluísio Azevedo, de modo a evidenciar a relevância e a natureza que ela edifica na constituição estética e ideológica da obra.

Podemos vislumbrar tal presença logo no início do romance, quando o autor utiliza quatro epígrafes: uma em latim, outra em português e duas em francês. A primeira “La vérité, toute la vérité, rien que la vérité” é atribuída ao Direito Criminal ; a segunda - e mais intrigante - “ Un Oyseau qui se nomme cigale estoit en un figuier, et François tendit sa main et appella celluy oyseau ...” é atribuída a Jacques de Voragine. A frase citada pertence à obra *La Légende Dorée* escrita em latim no século XIII. Entretanto, essa mesma citação também é utilizada por Zola no segundo capítulo da obra *Le Rêve*, o que possibilita uma outra vertente interpretativa: se Aluísio Azevedo retirou essa frase do livro de Zola, o que não é improvável pode-se pensar na presença de mais esta obra francesa na produção do escritor brasileiro, além das outras já apontadas por Antonio Candido em “De cortiço a cortiço” (1993). Há também outros elementos essenciais, como as citações, alusões a personalidades culturais e políticas da França e utilização da língua francesa.

Para a realização desta pesquisa, partiu-se da leitura e do fichamento de obras arroladas na bibliografia para a aquisição de suporte teórico para a investigação. A análise tem como cerne a teoria da intertextualidade, por meio da qual se abre a possibilidade interpretativa e analítica da obra, assim como afirma Jenny Laurent em *Poétique* ( 1979, 10)“ O olhar intertextual é então um olhar crítico é isso, que o define.”. Desta forma, este “olhar crítico” é elemento essencial para a realização de nosso trabalho.

Na realização da primeira fase da pesquisa, detivemo-nos na análise das personagens Léonie e Pombinha.

Na obra como um todo, notamos uma espécie de conflito em relação à imagem da presença francesa; em alguns âmbitos ainda vista como ideal de cultura e elegância na sociedade; porém, apresentando um outro matiz que analisamos de maneira mais detalhada por meio da personagem Léonie.

A personagem Léonie, como apresenta o narrador de *O cortiço*, “(1994, p.38)” era uma cocote de trinta mil-réis para cima, a Léonie, com sobrado na cidade. Procedência francesa.”. Caracterizada como uma personagem plana, ou seja, que não sofre mudanças inesperadas na sua composição no desenrolar da narrativa, aponta um caminho diverso para a interpretação do elemento estrangeiro nesse romance.

Na estética romântica, o artifício francês sempre era tido como ideal de luxo e cultura, artigo essencial na educação das moças de famílias burguesas; contudo, na estética naturalista, assumidamente crítica em relação à sua antecessora, temos o emprego deste recurso com uma outra função.

Mesmo na categoria temática explorada por Alexandre Dumas Fils em *La Dame aux Camélias* e retomada por José de Alencar em *Lucíola*, a da mulher de coração digno que, por escassez de recursos ou infortúnios da vida cai na prostituição, a personagem de Aluísio Azevedo não se enquadra. Ao contrário das obras citadas, a personagem não se regenera, e não só persiste na vida de promiscuidade, como também influencia a jovem Pombinha, símbolo de pureza do cortiço, conduzindo-a primeiramente ao homossexualismo e, em seguida, à prostituição, abandonando a vida digna aos olhos da sociedade.

A observação de tais fatores na constituição da obra é bastante relevante, principalmente se considerarmos que as personagens comprovam a tese determinista de Taine empregada por Aluísio Azevedo, de que o meio determina o homem. Portanto, segundo tal teoria, Pombinha vivendo num ambiente de promiscuidade tal qual o cortiço de João Romão, não poderia escapar de um futuro `a margem da sociedade.

Do exposto logramos concluir que a personagem francesa em *O cortiço* apresenta uma função diversa da que constitui nas obras veiculadas de cunho romântico: enquanto nestas as personagens gozavam da possibilidade de dar outro rumo ao seu destino, por meio de um elemento condutor, quase em geral representado por um amor; naquela o destino de cada personagem já está determinado pelas condições naturais de sua raça, do meio e do contexto em que está inserida. Neste sentido, é que podemos afirmar a originalidade da personagem de Aluísio Azevedo, Léonie, que percorre caminho avesso às personagens do mesmo gênero que a antecederam.

## **Bibliografia:**

AZEVEDO, Aluísio. *O Cortiço*. São Paulo: Ática, 1994.

CANDIDO, Antonio. *De Cortiço a Cortiço*, In: *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas cidades, 1993.

JENNY, Laurent. “La stratégie de la forme”, In: *Poétique*. Paris: Seuil, (27), 1976, p.258-81.

MURILO DE CARVALHO, José. *Os Bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

NEEDELL, Jeffrey D. *Belle Époque Tropical: sociedade e cultura no Rio de Janeiro na virada do século*. Trad. Celso Nogueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. *Dicionário de Narratologia*. 7. ed. Livraria Almedina: Coimbra, 2000.

SCHWARCZ, Lília Moritz. *As Barbas do Imperador. D. Pedro II, um monarca dos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.